

“Nem por força, nem por poder.”

Uma Exegese de Zacarias 4:6-10 sobre a Capacitação do Espírito de Yahweh

Isabela Amorim da Silva¹

RESUMO

O presente artigo realiza uma exegese detalhada do capítulo 4 do livro do profeta Zacarias, situando sua mensagem no contexto pós-exílico sob o domínio persa. A análise destaca a figura de Zorobabel, governador de Judá e descendente de Davi, como líder escolhido por Yahweh para reconstruir o Templo, simbolizando a presença divina entre o povo. O papel do Espírito de Deus é ressaltado como a força capacitadora que permite a conclusão da obra, conforme a profecia de Zacarias, que visa renovar a aliança de Deus com Israel após o exílio babilônico. O estudo também aborda aspectos textuais, culturais e históricos que contribuem para a compreensão da mensagem profética e sua relevância para o processo de restauração do povo judeu.

Palavras-chaves: Zacarias 4; Espírito de Deus; pós-exílio; reconstrução do templo; aliança.

ABSTRACT

This article presents a detailed exegesis of chapter 4 of the prophet Zechariah's book, situating its message in the post-exilic context under Persian rule. The analysis highlights the figure of Zerubbabel, governor of Judah and descendant of David, as Yahweh's chosen leader to rebuild the Temple, symbolizing God's presence among the people. The role of the Spirit of God is emphasized as the empowering force enabling the completion of the work, according to Zechariah's prophecy, which aims to renew God's covenant with Israel after the Babylonian exile. The study also discusses textual, cultural, and historical aspects that enhance the understanding of the prophetic message and its significance for the Jewish people's restoration process.

Keywords: Zechariah 4; Zerubbabel; Spirit of God; post-exile; temple reconstruction; covenant; prophecy.

¹ Graduanda em Teologia pela FABAT; graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Carioca (Unicarioca); pós-graduanda em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) pela Unicarioca; pós-graduanda em Educação Cristã pelo Instituto Reformado de São Paulo.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo expor a exegese do capítulo 4 do livro do profeta Zacarias, pertencente ao cânon veterotestamentário. O livro é um produto pós-exílico, sendo contemporâneo do profeta Ageu, segundo sua datação interna. O livro é introduzido em Zacarias 1.1-16 e sua primeira parte, no qual se encontra o capítulo em questão, apresenta a renovação aliança de Deus com seu povo, recém liberto do exílio, através de oito visões e oráculos que a acompanham.

O capítulo 4 registra a quinta visão do profeta Zacarias. Diferentemente das demais visões, que geralmente são seguidas por oráculos (1.14–17; 2.6–13; 6.9–15), esta apresenta um oráculo inserido no interior da própria visão (4.6b–10a), conforme afirma Baldwin (1991, p. 73). O texto reforça a figura central de Zorobabel como líder judeu naquele contexto, dando destaque à ação poderosa do Espírito de Deus como capacitador da restauração. A quarta e a quinta visão são o ponto alto das profecias, apresentando os líderes escolhidos por Deus, revestidos de autoridade aos olhos da comunidade (Baldwin, 1991, p. 73).

2 TRADUÇÃO LITERAL²

Zacarias 4

1- E voltou o anjo, falou comigo e me acordou como um homem que é acordado fora de seu sono.

2- E ele me disse: “Veja!” Então eu disse: “Eis que vejo um candelabro de ouro com uma tigela em cima do estande e sete lâmpadas e sete tubos.”

3- E duas oliveiras, uma tigela à sua direita e uma à sua esquerda.

4- Então eu respondi para o anjo que falou comigo: “O que são estes, meu senhor?”

5- E respondeu o anjo que falava comigo: “Você não conhece o que são estes?”, e eu disse: “Não, meu senhor.”

6- E ele respondeu para mim, dizendo: “Esta é a palavra de Yahweh para Zorobabel: Não por força, nem por poder, mas por meu Espírito, diz Yahweh, dos exércitos.

² A tradução literal, assim como as citações bíblicas presentes ao longo do artigo, foi elaborada pela autora.

7- Quem é você, grande Montanha, antes do Zorobabel? Você se tornará em pedra e ele produzirá a pedra angular, com gritos de graça.

8- Além disso, veio a palavra de Yahweh para mim, dizendo:

9’ “As mãos de Zorobabel lançaram base e estas mãos terminarão isso. E você conhecerá que Yahweh dos exércitos, me enviou a vocês.”

10- Quem desprezou o dia das pequenas coisas? Estes sete se alegrarão ao ver o prumo na mão de Zorobabel. Os olhos de Yahweh são os que fazem a varredura de um lado para o outro durante toda a Terra.

11- E eu respondi e disse: “O que são essas duas oliveiras no candelabro à sua direita?”

12- E eu repliquei a segunda vez e disse para ele: “O que são esses dois ramos de oliveira e os dois recipientes do qual é derramado em gotejamento o óleo dourado?”

13- E ele respondeu para mim e disse: “Você não conhece quem são estes?” E eu disse: “Não, meu senhor.”

14- Então ele disse: “Estes são os dois unguidos, que estão ao lado do Senhor de toda a Terra.”

3 DELIMITAÇÃO

O início do v.1 indica a volta do anjo do Senhor (שׁוֹב מִלְאֲכֵי דְבָר) iniciando mais uma visão ao profeta Zacarias, após o encerramento da quarta profecia no v. 10 do cap.3. O texto pode ser dividido em três perícopes: (1) Zacarias 4.1-5- A visão de Zacarias sobre o candelabro de ouro e as duas oliveiras, (2) Zacarias 4.6-10 - Profecia de Yahweh à Zorobabel e, (3) Zacarias 4.11-14 - A explicação sobre a visão do candelabro e as oliveiras.

Em Zacarias 4.1-5, o anjo do Senhor apresenta um candelabro todo de ouro, que ficava no lugar santo, cf. Êxodo 25:31. Ao ter a visão, o profeta faz uma pergunta no v. 4 (Então eu respondi para o anjo que falou comigo: “O que são estes, meu senhor?”) que só é respondida ao final do capítulo, no v.14 (Então ele disse: “Estes são os dois unguidos, que estão ao lado do Senhor de toda a Terra.”)

Do v. 6 ao v.10, a palavra de Yahweh é dirigida a Zorobabel de forma profética, distinta da linguagem mais narrativa dos versículos anteriores, indicando, no v.9 que Zorobabel seria o responsável pela reconstrução do templo. De acordo com Baldwin, muitos comentadores

pensam ter sido parte de outra mensagem que originalmente não fazia parte do capítulo (1991, p. 95). Se essa parte fosse retirada do texto, o texto não perderia seu sentido e seguiria de forma fluida.

Na parte final do capítulo, do v. 11 ao 14, Zacarias interpela o anjo com mais questionamentos envolvendo a visão do início do texto. Como dito anteriormente, o anjo responde no versículo 14 o questionamento feito no capítulo 4.

O presente trabalho terá seu enfoque na perícope de Zacarias 4, 6-10 (Profecia de Yahweh à Zorobabel).

4 CRÍTICA TEXTUAL

O texto manuscrito da Bíblia hebraica foi transmitido ao longo de muitos séculos. Além disso, ele foi objeto, antes do séc. I de nossa era, de mudanças e acréscimos que espelhavam diversas tradições. O resultado é que existem diversas formas dos textos, que se evidenciam, por exemplo, no texto massorético, na tradução grega dos LXX e no Pentateuco Samaritano (Pisano, 2000, p. 39). Visto que nenhuma fonte textual contém o que poderia ser chamado de "o" texto bíblico, um envolvimento sério nos estudos bíblicos requer claramente a análise de todas as fontes, incluindo as diferenças entre elas (Tov, 2001, p. 2). Nesse aspecto, cabe à crítica textual, por meio do exame crítico da transmissão do texto hebraico, bem como das traduções antigas, localizar as inexactidões que surgiram ao longo da história (Steck, 1998, p. 40). Reconstruir a (provável) redação original a partir dos manuscritos atualmente conhecidos supõe realizar um trabalho crítico em duas direções: crítica externa e interna. Onde a última observa a articulação das ideias, uso das palavras, estilo, teologia (Silva, 2000, p. 45).

4.1 APARATO CRÍTICO

v.2

1. Na nota A, fragmentos de códices hebraicos da Guenizá da sinagoga Ben Ezra, do Cairo (Séc. V-IX), muitos manuscritos hebraicos medievais e muitas versões como Querê, estão cf. Zc. 4.2.

2. Na nota B, indica que no versículo 1 e como em muitos manuscritos hebraicos medievais, a LXX, a Peshita e o Tarfum possuem o substantivo לְנֵי־לָמְפָא (e com o recipiente).
3. Na nota C, no códice Sinaítico (Séc. IV), da LXX, o possui o substantivo λυχνοι (Lâmpada), provavelmente lido לְנֵי־לָמְפָא (candeia).
4. Na nota D do versículo 2, o substantivo שֶׁבַע (sete) foi omitido da LXX.

v.3

1. Na nota A do versículo 3, na parte a do versículo provavelmente será lido יְמִינֵךָ (mão direita), conforme lido no versículo 1

v.6

1. A nota A será conforme a nota B do versículo 10.

v.7

1. Na nota A, parte a do versículo 7, para ser lido אֶת־הַהָר (a montanha).
2. Na nota B, no texto original grego da LXX, o trecho “*και εξοισω τον λιθον [της κληρονομιας]*” (Tradução: E eu despejo a pedra - da herança) proposto (E ele fará surgir a pedra) $\text{וְהוֹצִיאָ אֶת־הַאֲבֶן}$

v.9

1. A parte A do versículo 9 provavelmente foi adicionada.
2. Na nota B, no versículo 1, em fragmentos de códices hebraicos da Guenizá da sinagoga Ben Erza, poucos manuscritos hebraicos medievais, Peshita, Targum e Vulgata o verbo está וַיְדַעְתֶּם (e vós sabereis), conectando com a expressão אֵלֵיכֶם (para si).

v.10

1. Na nota A, é provável que o substantivo הַבְּנֵי־לֵל (prumo) esteja corrompido, mas está conforme הָרְאֵשׁוֹת (Topo) do versículo 7.

2. Na nota B, deste ponto do v.10 até o fim do versículo 14, o texto conecta-se com o versículo 6, bloco A, e está ligado ao substantivo זְרֹבָבֶל (Zorobabel)

v.11

1. Na nota A, assim como no códice de Leningrado B19a em sua escrita original, em muitos manuscritos hebraicos medievais e na edição do texto bíblico hebraico segundo B. Kennicott, o pronome הָאֵלֶּה (estes, estas) aparecem nessa forma.

v.12

1. Nota A - O versículo 12 foi adicionado.

Na nota B, a parte B do versículo 12 é corrompida e é proposto pelos editores em outros escritos מְרִיקִים מֵעֲלֵיהֶם אֶת־הַיֶּצֶקֶר לְגִרוֹת הַזֶּהָב אֲשֶׁר בַּיָּד שְׁנֵי צִנְתְּרוֹת הַזֶּהָב (Eles derramam sobre eles o azeite para as lâmpadas de ouro que estão nas mãos das duas câmaras de ouro.), em outro בִּיר (poço) (em vez de הַזֶּהָב (o ouro)) שְׁנֵי צִנְתְּרוֹת הַזֶּהָב מֵעֲלֵיהֶם הַיֶּצֶקֶר (Dois recipientes do ouro eles derramam sobre eles o azeite.)

4.1.1 Aplicação da crítica textual indiciária

De acordo com a perícopé de Zacarias 4, 6-10 é possível perceber pontos no texto que auxiliam em sua compreensão. No v.9, a possível adição da parte A sugere acréscimos no texto, ampliando sua mensagem original, mesmo sem comprometer seu sentido. O texto traduzido da forma original ficaria: “As mãos de Zorobabel lançaram base e estas mãos terminarão isso.” (יָדַי זְרֹבָבֶל יִסְדּוּ הַבַּיִת הַזֶּה וְיָדָיו תִּבְצָעֶנָּה). O acréscimo ao versículo, com o verbo וַיִּדְעָתֶם (“e vós sabereis”), que está presente nos manuscritos de Guenizá e algumas outras versões hebraicas antigas, Peshita, Targum e Vulgata e a expressão אֵלֶיכֶם (para si), conectando-se a essa mensagem, indicam um direcionamento ao povo, acompanhado pela autoridade e poder Yahweh, trazendo uma mensagem de confiança.

A possível corrupção do substantivo הַבְּרִיל (prumo) e sua conexão com הָרֵאשִׁית (topo) encontrado no versículo 7 chamam a atenção para a necessidade de uma leitura textual cautelosa, pois essas variantes podem influenciar o entendimento do texto, principalmente seu simbolismo. Almeida (2009) afirma que o livro do profeta Zacarias é admitido como

controvertido, sendo chamado de um texto obscuro, sendo de difícil interpretação. Por esse motivo é necessário a atenção.

Ao final da perícopes, o aparato crítico indica que o trecho final do v. 10 até o v. 14 possuem uma conexão com o v.6, dando um enfoque em Zorobabel, corroborando com a unidade temática da perícopes, que atribui ao líder a capacitação dada pelo Espírito de Yahweh

5 COESÃO INTERNA DA SUA PERÍCOPE

A repetição dos termos יהוה צבאות (YHWH dos Exércitos), זְרוּבָבֶל (Zorobabel) e הָאֶבֶן (a pedra) contribuem para a ideia central da perícopes, que está focada na reconstrução do templo de Yahweh e a capacitação dada pelo Espírito de Yahweh à Zorobabel, além da supervisão divina por intermédio do Senhor, conforme o v.10. O ו (vav conjuntivo) aparece nessa perícopes dez vezes, como elo entre as ideias do texto.

5.1 ESTRUTURA

A estrutura da perícopes de Zc 4, 6-10 está de acordo com a análise do aparato crítico realizado noutra parte do trabalho (3.1)

Profecia de Yahweh à Zorobabel (Zc 4, 6-10)

1- Início do oráculo a Zorobabel (v.6)

- Início profético: “Então ele respondeu e me disse”
- Palavra de Yahweh a Zorobabel: “Não por força, nem por poder”
- Foco na ação do Espírito de Yahweh “mas por meu Espírito, diz Yahweh, dos exércitos.”

2- Oposição e vitória (v.7)

- A grande montanha sendo questionada e se tornando uma mera pedra diante de Zorobabel. “Quem é você, grande Montanha, antes do Zorobabel?”
- Vitória: “Você se tornará em pedra e ele produzirá a pedra angular, com gritos da graça.”

3- Confirmação da missão de Zorobabel e o envio profético (v.8 e 9)

- Reafirmação profética: “Além disso, veio a palavra de Yahweh para mim, dizendo...”
- A missão de Zorobabel: “As mãos de Zorobabel lançaram base e estas mãos terminarão isso.”

- Cumprimento e confirmação de Zacarias como profeta: “E você conhecerá que Yahweh dos exércitos me enviou a você.”

4- O início das pequenas coisas e a supervisão divina (v.10)

- Exortação: “Quem desprezou o dia das pequenas coisas?”
- Alegria na conclusão: “Estes sete se alegrarão ao ver o prumo na mão de Zorobabel.”
- Supervisão divina: “Os olhos de Yahweh são os que fazem a varredura de um lado para o outro durante toda a Terra.”

6 ANÁLISES

6.1 ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

A perícopes está inserida no contexto pós-exílico, no período persa, durante o reinado de Dario I (522-486 a.C.). O nome de “Zacarias” significa “Yahweh se lembra” ou “Yahweh se lembrou”, o que coincide com a ideia central do livro: após o decreto de Ciro em 539 a.C., iniciou-se um processo de reconstrução nacional, após retorno dos judeus do exílio Babilônico, mostrando que Deus não havia se esquecido do seu povo e de sua Aliança.

Zacarias foi contemporâneo do profeta Ageu, durante o ano de 520 a.C. Ambos profetizaram acerca da reconstrução do segundo Templo de Yahweh. No entanto, conforme afirma Baldwin, suas mensagens possuem enfoques diferentes: “Há um contraste marcante entre Ageu e Zacarias, seu contemporâneo. Se Ageu foi o construtor, responsável pela estrutura sólida do novo templo, Zacarias foi o mais artista, acrescentando vitrais coloridos cheios de simbolismo, alegria e luz.” (Baldwin, 1991, p. 44). Enquanto Ageu conclamou o povo à reconstrução material do templo, Zacarias convocou a nação à restauração espiritual, profetizando tanto a respeito da realidade presente quanto de eventos futuros.

Após cerca de vinte anos de conquistas e domínio sobre a Babilônia, Ciro torna-se o governante de um império mundial. O cenário político na época era favorável para que a missão dada por Deus fosse realizada. De acordo com Lasor, Hubbard e Bush:

Sob domínio dos persas (539-331), Judá fazia parte da satrapia conhecida como “Além do Rio”, i.e., além do Eufrates (da perspectiva dos persas). A política persa vigente era conceder considerável autonomia local. Assim, os

judeus podiam ter o próprio governador local (mas não um rei), subordinado ao grande sátrapa, o governador provincial persa (1999, p. 430).

Com uma postura sincrética, Ciro declarou, conforme registrado em Esdras 1.1-4, que o Deus do céu o encarregara de construir uma casa em Jerusalém (Ed 1.2). Um registro útil do edito de Ciro, com base em descobertas arqueológicas, é apresentado por Baldwin: “Possam todos os deuses que eu recoloquei em seus santuários receber uma oração diária em meu favor...” (Baldwin, 1991, p. 12). Com esse objetivo, os judeus retornaram para Jerusalém a fim de reconstruir o Templo.

Por volta de 530 a.C, Ciro faleceu, possivelmente durante uma expedição militar, deixando seu grande império para Cambises. No entanto, após saber de uma possível traição e usurpação do trono, Cambises pôs fim à sua vida. Sem sucessor direto ao trono, Dario, filho do governador de Susã, ascendeu ao trono. Após embates acirrados, devido à rebelião nas regiões do império, Dario firma seu trono no ano de 520 a.C., ano que Zacarias começa a profetizar (Baldwin, 1991, p. 13).

O governador de Judá, Zorobabel, de linhagem davídica, e o sumo-sacerdote, Josué, assumiram a responsabilidade pela reconstrução do Templo. Devido ao profundo simbolismo que o Templo carregava, a reconstrução estava ligada à honra de Yahweh. Segundo Baldwin, para o profeta Ezequiel havia uma relação intrínseca entre a Aliança do Senhor e o templo (Baldwin, 1991, p. 16). (Ez 37: 26) O sinal externo da presença de Deus era o Templo e por isso dúvidas se levantaram quanto à presença de Yahweh entre o povo.

A profecia de Zacarias surge como uma palavra de encorajamento. O v.6 anuncia com esperança que a obra seria concluída através da ação poderosa do Espírito de Yahweh, não por poder ou força. A presença de Zorobabel, como um líder de linhagem davídica, reforçava a ideia de que Deus não havia se esquecido de suas promessas, perpetuando de forma soberana a aliança feita à Davi, mostrando e comprovando sua fidelidade.

6.2 ANÁLISE DA MATERIALIDADE

Como dito noutro ponto deste trabalho (5.1), os habitantes da província de Judá estavam desesperançosos devido ao cenário de incerteza em que viviam. Apesar do decreto de Ciro, em 539 a.C., que permitia a volta para Jerusalém e a reconstrução do templo, os planos não avançaram como esperado, gerando uma crise entre os judeus. A descoberta arqueológica do

cilindro de Ciro em 1879, durante escavações arqueológicas na Babilônia, foi liderada pelo arqueólogo britânico Hormuzd Rassam. Atualmente exposto no Museu Britânico, o cilindro de Ciro traz consigo um significado político e social. Segundo Fester (2024):

O texto do cilindro proclama a libertação dos povos oprimidos e a restauração de seus templos e tradições, refletindo uma abordagem inovadora para a governança na época. Ciro II é frequentemente elogiado por sua habilidade em unificar um vasto império, respeitando as culturas e religiões dos povos conquistados.

O cilindro de Ciro registra a queda Babilônica, por uma perspectiva persa, registrando Ciro como soberano escolhido pelos deuses:

Através de todas as terras Marduk (Marduque) procurou um príncipe justo, segundo o seu próprio coração, a quem ele tomou pela mão. A Ciro, rei de Anshan, ele chamou por nome: à soberania do mundo inteiro o designou. ... Marduk, o grande Senhor, guardião de seu povo, viu com alegria os feitos gratiosos de Ciro, e o seu coração justo. E lhe deu ordens para ir à cidade de Babilônia [...] Sem batalha ou conflito, Marduk fê-lo entrar na Babilônia. Salvou a sua cidade, Babilônia, de qualquer calamidade. Nabonido, o rei, que não o reverenciou, Marduk entregou nas mãos de Ciro (1958, p. 283).

Essa descoberta confirmou a existência de um decreto semelhante, embora sem mencionar Judá ou Yahweh e fazendo referência ao deus Marduk, é notável que Yahweh tenha conduzido as vitórias de Ciro. Por intermédio dessa ótica, os profetas compreenderam que Deus também estava orquestrando o retorno do povo para Jerusalém com o objetivo de reconstruir o templo.

7 GÊNERO LITERÁRIO

O texto de Zacarias 4, 6-10 faz parte de uma unidade fechada composta de oito capítulos (Zc. 1-8). Conforme a análise de Baldwin (1991, p. 58), a compreensão desses capítulos apresenta pouca dificuldade, pois são vistos como profecias genuínas do profeta. As oitos visões noturnas foram agrupadas em um padrão quiástico, sendo uma proposta exegética moderna, onde a primeira profecia e a última possuem uma mensagem muito parecida, a segunda, terceira e sexta são pares e a quarta e a quinta, como ponto alto das profecias, apresentam os líderes

escolhidos por Deus e sua missão (padrão *a b b c c b b a*). Embora o tema escatológico apareça com menos frequência nessa primeira parte, as profecias desse bloco possuem características do gênero apocalíptico.

No texto bíblico, a literatura profética apresenta estreita relação com a literatura apocalíptica. Embora apenas um livro do Antigo Testamento seja formalmente classificado como uma literatura apocalíptica, os textos do profeta Zacarias apresentam traços característicos desse gênero, conforme afirmam Lasor, Hubbard e Bush (1999, p. 444). A presença do anjo de Javé como mediador ou intérprete, as visões acompanhadas de oráculos com predições futuras e imagens simbólicas corroboram essa identificação

8 COMENTÁRIO EXEGÉTICO

8.1 INÍCIO DO ORÁCULO A ZOROBABEL (V.6)

6 E ele respondeu para mim, dizendo: “Esta é a palavra de Yahweh para Zorobabel: Não por força, nem por poder, mas por meu Espírito, diz Yahweh, dos exércitos.

“*Esta é a palavra de Yahweh para Zorobabel: [...]*”. Após a visão do candelabro e das duas oliveiras do v. 1 ao 5, o anjo direciona sua mensagem para Zorobabel. Zorobabel era filho de Sealtiel, neto do rei Joaquim (cf. Esdras 3.8), descendente de Davi e governador da província de Judá. No retorno do exílio Babilônico estava no primeiro grupo de exilados, assim como o profeta Zacarias, de acordo com André Coelho (2015, p. 272). Na visão anterior, Josué recebeu uma mensagem, agora Zorobabel seria o receptor.

“*[...]Não por força, nem por poder, mas por meu Espírito, diz Yahweh, dos exércitos.*” A reconstrução do templo não seria realizada nem por força (הַיִּל - Heb *hayil*) e nem por poder (הַכֹּחַ - Heb *koah*). O termo *hayil* está vinculado ao termo militar para bravura, conforme afirma Baldwin (1991, p. 97). O termo *koah* significa vigor, habilidade, conforme os textos de Gênesis 49.3 (ACF) (וְרִאשִׁית אוֹנֵי בְּכָרִי אֶתָּה כֹּחִי) - “Rúben, tu és meu primogênito, minha força e o princípio de meu **vigor**, o mais excelente em alteza e o mais excelente em poder.”³ Em outras palavras, a reconstrução não seria feita por coragem, vigor ou habilidade humana, mas pela ação do

³ **BÍBLIA SAGRADA**. Edição Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

Espírito de Yahweh. O termo em hebraico é *rúah* que significa “sopro”, “vento” ou “Espírito”. A palavra ocorre nas passagens de Gênesis 1.2; 1 Samuel 16:14 e Jó 12:10, como representação do Espírito de Yahweh como capacitação e estabelecimentos dos desígnios do Senhor.

8.2 - OPOSIÇÃO E VITÓRIA (V.7)

7 Quem é você, grande Montanha, antes do Zorobabel? Você se tornará em pedra e ele produzirá a pedra angular, com gritos de graça.

“Quem é você, grande Montanha, antes do Zorobabel? Você se tornará em pedra[...].” O termo *הַר* (*har*, “montanha”) possui uma característica simbólica no texto profético. Exemplifica, de maneira metafórica, as dificuldades e desafios que Zorobabel passaria em relação à reconstrução do templo, de maneira política, social e cultural. Em contato com a ação do Espírito de Yahweh, esses desafios seriam destruídos e superados, tornando-se apenas “pedras”, “entulhos”.

“[...]e ele produzirá a pedra angular, com gritos de graça.” A expressão “pedra angular” (*אֶבֶן חַיְמָה* – *even ha-roshah*) tem por significado a conclusão da construção da edificação. Conforme Baldwin (1991, p. 98):

O argumento mais forte a favor de uma pedra que completa a construção é a exigência do sentido do contexto. O fundamento será lançado (v.9), e agora se trata da promessa de que a construção será concluída. [...] Sua conclusão é um símbolo da vitória do Espírito de Deus (v.6).”

Viagem de Esdras e outros judeus a Jerusalém (v.7-9)

⁷Também subiram a Jerusalém alguns dos filhos de Israel, e dos sacerdotes, e dos levitas, e dos cantores, e dos porteiros, e dos servos do templo, no sétimo ano do rei Artaxerxes. ⁸E chegou a Jerusalém no quinto mês, no sétimo ano do rei. ⁹Então, no primeiro dia do primeiro mês ele começou a subida da Babilônia, e no primeiro dia do quinto mês ele chegou a Jerusalém, conforme a boa mão de Deus sobre ele.

De acordo com Gruenwald, a simbologia da Pedra e da Rocha, na Bíblia Hebraica,

aparecem em paralelismo com os nomes divinos como Elohim e até mesmo o Tetragrama (YHWH). Gruenwald (1996, p. 428-449) diz:

Como em vários desses casos a palavra *tsur* [rocha] é, na verdade, sinônima ou paralela a *Elohim* e até mesmo ao *Tetragrama*, é razoável argumentar que todos esses nomes divinos podem ser tratados no mesmo nível conceitual.

A ideia de Deus como a Pedra (heb: *even*) é apresentada da seguinte forma:

Deus é chamado, embora com menos frequência, de 'pedra': 'pelo nome do Pastor, a Pedra [hebraico: *even*] de Israel' (Gn 49.24); 'A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular' (Sl 118.22). A diferença implícita entre 'rocha' e 'pedra' não é substancial: os dois termos pertencem ao mesmo campo semântico. Assim, seja qual for o contexto e o modo de interpretação, eles compartilham uma estrutura conceitual semelhante (1996, p. 428-449).

Esse paralelismo sugere a presença de Deus no mundo, não apenas como símbolo de uma construção, mas apresentando Deus como o principal alicerce. Com o cumprimento da ação divina, os “gritos de graça” são a expressão conjunta daqueles que presenciaram a finalização da reconstrução do templo e a consumação do favor de Deus.

8.3 CONFIRMAÇÃO DA MISSÃO DE ZOROBABEL E O ENVIO PROFÉTICO (V.8 E 9)

8 Além disso, veio a palavra de Yahweh para mim, dizendo: 9 “As mãos de Zorobabel lançaram base e estas mãos terminarão isso. E você conhecerá que Yahweh dos exércitos, me enviou a vocês.

“*Além disso, veio a palavra de Yahweh para mim, dizendo [...]*” Esse trecho reafirma e confirma o chamamento de Zorobabel para a missão por intermédio do Senhor.

“*[...] As mãos de Zorobabel lançaram base e estas mãos terminarão isso. E você conhecerá que Yahweh dos exércitos, me enviou a vocês.*” Zacarias emite a mensagem de Yahweh com a certeza de que Zorobabel concluirá a reconstrução do Templo, e através do

cumprimento da profecia, sua autoridade como profeta será validada perante o povo.

8.4 O INÍCIO DAS PEQUENAS COISAS E A SUPERVISÃO DIVINA (V.10)

10 Quem desprezou o dia das pequenas coisas? Estes sete se alegrarão ao ver o prumo na mão de Zorobabel. Os olhos de Yahweh são os que fazem a varredura de um lado para o outro durante toda a Terra.

“Quem desprezou o dia das pequenas coisas?” Após a oposição promovida por grupos pró-Pérsia, que, conforme pontua Baldwin, questionaram a autorização dada por Ciro aos judeus (Baldwin, 1991, p. 13), Dario I proibiu a interferência na reconstrução, garantindo recursos para que ela prosseguisse (cf. Esdras 5:6 - 6:12). Mesmo assim, essa oposição contribuiu para o desânimo do povo. Outro motivo desanimador é relatado em Ageu 2, onde o povo lamenta pela comparação entre o esplendor do primeiro tempo e a modéstia do novo provocando frustração. Deus exorta-os, convidando-os a não desprezarem o início das primeiras coisas.

“Estes sete se alegrarão ao ver o prumo na mão de Zorobabel.” Deus estava garantindo ao seu povo que Zorobabel seria o supervisor da obra até o final e que após, eles ficariam alegremente surpresos. Conforme notas apresentadas em outra seção deste trabalho (3.1), o substantivo *prumo* (הַבְּרִיָּה) esteja possivelmente corrompido. Para corroborar com essa afirmação Baldwin afirma:

Essa tradução se baseia em antigas versões gregas, latinas e aramaicas, e não no hebraico, que usa o termo técnico “prumo”, mas uma estranha justaposição de dois substantivos, “a pedra o estanho” [...] Uma versão inglesa faz “a pedra chamada Separação”, que faz paralelo com “a pedra chamada Posse” (v.7). [...] A pedra, então, simboliza a natureza separada, “santa”, da comunidade judaica (1991, p. 99).

Assim então, o povo separado se alegraria após a colocação da última pedra, conforme no versículo 9, como coroa de toda a reconstrução.

“Estes sete” possivelmente esteja fazendo referência às sete lâmpadas que aparecem no versículo 3. Conforme o simbolismo que o número sete carrega como perfeição, se entrelaça com a mensagem do texto em relação a perfeita obra do Senhor e a presença da sua obra no templo (Baldwin, 1991, p. 99). O versículo termina com a supervisão divina sobre toda a obra.

Zorobabel seria um instrumento de Deus para que a obra fosse supervisionada e concluída.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perícopes de Zacarias 4, 6-10 tem como mensagem central a capacitação do governador Zorobabel, o encorajamento do povo pós-exilado e a confirmação profética de Zacarias, acompanhado com o cumprimento da profecia da reconstrução do Templo. Através de simbolismo, o profeta transmite a mensagem de Yahweh a Zorobabel, destacando que a força necessária para a obra viria através do Espírito de Deus. A análise textual pontuou que a passagem está inserida em uma unidade literária bem estruturada, que com coesão, transmitem a mensagem da ação divina através da História.

Por intermédio da crítica textual foi possível identificar acréscimos, como por exemplo o v. 9, onde possivelmente a primeira parte possa ter sido adicionada para reforçar a autoridade profética de Zacarias e a missão de Zorobabel. A suspeita de corrupção no termo *prumo*, no versículo 10, evidencia a importância da análise. Embora essas variantes, a mensagem da perícopes não perdeu seu sentido primário, mantendo sua integridade: Yahweh está no controle, supervisionando e conduzindo a obra, mantendo a aliança com o seu povo e usando homens capacitados pelo seu Espírito.

Foi possível compreender o cenário político e o desânimo espiritual através da análise histórico-cultural e da materialidade. O decreto de Ciro e o apoio de Dário I pareciam não ser suficientes para que o povo mantivesse a esperança em sua missão. Por esse motivo, a profecia serviu como um encorajamento aos judeus pós-exilados, de que Deus está atuando no meio das pequenas coisas e que a valorização de Deus, diferente da humana, não está nas coisas grandiosas aos olhos. A aliança feita com Davi foi mantida, preservada e continuada através da vida de Zorobabel.

Concluo pontuando que a perícopes nos exorta e convida a confiar na ação poderosa de Deus através da atuação do seu Santo Espírito, mesmo em meio às dificuldades, lembrando que Deus é quem fortalece-nos, demonstrando sua fidelidade e graça.

9.1 APLICAÇÃO DA PERÍCOPE

Podemos aplicar a perícopes de Zacarias 4, 6-10 dividindo-a em três pontos:

1- A capacitação é pelo Espírito de Deus (v.6): Quando Deus nos chama para realizarmos algo que faz parte dos seus planos e vontade, por falta de fé e de visão acabamos atribuindo o mérito da realização à nossa força humana. No texto, vemos que o capacitador, o poder e mantenedor da obra é o Espírito Santo de Deus. No Novo Testamento, é visto que a Igreja de Cristo começa a sua missão após a descida do Espírito Santo de Deus. Por esse motivo, quando somos chamados por Deus, devemos entender que é o Espírito que conduz todas as coisas.

2- Os desígnios de Deus são concluídos, independente das circunstâncias (v. 7-9): Da mesma forma, é crucial compreender que os planos do Senhor não podem ser frustrados. Assim como Deus garantiu a Zorobabel que as suas mãos terminariam a reconstrução, mesmo diante da oposição social, política e cultural, hoje Deus nos garante que Ele será o responsável por cumprir, em nós, o que Ele determinou.

3- Não despreze o início das pequenas coisas e glorifique a Deus: Ter fé é enxergar o futuro com esperança em Deus. O maior problema dos judeus, nesse contexto, é que, devido às adversidades, estavam sem confiança no Senhor, e o resultado era: desprezar o que estava começando. Nossa falta de fé, muitas vezes, nos leva a descrever no que Deus está fazendo e há de concretizar em nossas vidas. Quando cremos, glorificamos a Deus não somente no final, mas também durante o processo. Deus não permite que nada saia do seu controle. Ele tem o domínio de tudo, pois é o Senhor de toda a Terra.

Neste trabalho se afirma que, da mesma forma que Deus fez na vida do profeta Zacarias, Zorobabel e todo o povo da província de Judá, é capaz de realizar ainda mais em nossas vidas. Mas, para isso, é necessário que lembremos da promessa de Jesus ao ascender aos céus, onde afirmou, categoricamente, que estaria conosco todos os dias, até o fim dos tempos. Hoje, com o Consolador em nossas vidas, somos capacitados com dons, produzindo frutos, para que a obra de Deus seja concluída, a missão executada e Cristo volte para nos buscar. Vem, Senhor Jesus!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernando Py Murta de. Introdução a Zacarias: controvérsias e dificuldades interpretativas. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. 12–18, 2009. DOI: [10.17851/1982-3053.3.4.12-18](https://doi.org/10.17851/1982-3053.3.4.12-18). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/13982>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- BALDWIN, Joyce G. **Ageu, Zacarias e Malaquias**: introdução e comentário. 3. ed. São Paulo:

Mundo Cristão, 1991.

BÍBLIA SAGRADA. **Edição Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

COELHO, André. **Redescobrimo sua Bíblia**. 3 ed. Santo André: Geográfica, 2015, p. 272

CRABTREE, A. R. **Arqueologia bíblica**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1958.

Ilustração 88: Cilindro de Ciro, em: FINEGAN, Light from the Ancient Past, p. 191, p. 283.

FESTER, Heitor. O que é Cilindro de Ciro: história e importância. **Historic Text**, 14 nov. 2024.

Disponível em: <https://historictext.com/glossario/o-que-e-cilindro-de-ciro-historia-e-importancia/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

GRUENWALD, Ithamar. God the "Stone/Rock": Myth, Idolatry, and Cultic Fetishism in Ancient Israel. **The Journal of Religion**, v. 76, n. 3, p. 428–449, 1996.

LASOR, William Sanford; HUBBARD, David Allan; BUSH, Frederic William. **Introdução ao Antigo Testamento**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.